



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL



Peter Paul Rubens, *Retrato de Maria de Médicis* (pormenor), 1622. Museo Nacional del Prado, Madrid

¹ Manuel Valente Alves é médico, investigador e artista plástico. Desenvolve actividade clínica como consultor de medicina geral e familiar. Na área da investigação científica, o seu trabalho centra-se na história da medicina e do pensamento médico e as suas relações com a arte, a ciência, a tecnologia e a cultura visual. Neste âmbito, é autor, editor e co-editor de mais de duas dezenas de livros, comissariou mais de uma dezena de exposições institucionais e organizou várias reuniões científicas. Ainda neste âmbito fundou e dirigiu o Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), foi docente e co-regente da disciplina de História da Medicina na FMUL e é membro da Academia Nacional de Medicina de Portugal. A par da sua actividade clínica e de investigação, é autor no domínio das artes visuais.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Introdução

O que tinham em comum o médico e cientista judeu de origem portuguesa Filipe Montalto (1567-1616), o pintor e embaixador católico de origem alemã Peter Paul Rubens (1577-1640) e a rainha-mãe de França Maria de Médicis (1573-1642), três grandes personalidades que a Europa do século XVI viu nascer?

Cada um a seu modo – na medicina, na arte, na política – praticava a arte da conciliação. E acabaram por se encontrar num ambicioso projecto de paz promovido por Maria de Médicis, a rainha de França nascida em Itália, de mãe austríaca e de pai italiano: acabar com as lutas fratricidas dentro da família católica que fragmentavam ainda mais uma Europa já em si profundamente dividida pelos movimentos da Reforma e da Contra-reforma.

A Montalto a rainha pediu que cuidasse da sua saúde, do seu equilíbrio físico e mental, indispensável para vencer os grandes desafios que iria enfrentar no futuro. Ciente da importância que a ciência tinha para o desenvolvimento da medicina, a rainha tratou igualmente de criar condições para que Montalto pudesse continuar as suas investigações e publicar *Archipathologia*, o primeiro grande tratado científico sistematizador das afecções neuropsicológicas. Para tal a rainha viu-se obrigada a ultrapassar numerosas barreiras, a começar pelas que eram levantadas pelo anti-semitismo prevalente na sociedade francesa.

A Rubens a rainha pediu que reconciliasse as desavindas famílias das corte de Hasburgo e francesa, através da arte, encomendando-lhe o ‘Ciclo Maria de Médicis’, um conjunto de pinturas monumentais, destinadas ao Palácio de Luxemburgo, que irão imortalizar a vida e o projecto político da rainha-mãe, dando-lhe expressão internacional. Tarefa difícil, sem dúvida,



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

dado que Rubens era um súbdito dos seus rivais, os Habsburgo. Este ‘Ciclo’, que ocupa actualmente uma das galerias do Museu do Louvre, em Paris, constitui uma das obras mais notáveis da pintura barroca.

O ambiente político e artístico da Europa na época de Quinhentos e Seiscentos



Mapa Mundi, 1689



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

A querela entre estas duas grandes famílias europeias tem antecedentes que remontam ao século XVI, uma altura em que começam a desenhar-se grandes estratégias de centralização política, em oposição aos senhorios e ducados da Idade Média, visíveis na construção do império austríaco, no expansionismo do czar da Rússia e dos sultões otomanos, e de várias nações europeias, como Portugal, a Inglaterra e a França, que criam impérios de grandes dimensões.

Portugal no começo do século XVI, sob a liderança do rei D. Manuel I (1469-1521), desfruta de grande autonomia económica, política e cultural, apesar de ser um pequeno país na periferia da Europa, ao dar no século anterior os primeiros passos da globalização, criando, em menos de um século, um dos maiores impérios intercontinentais do mundo.

Na mesma época, em Inglaterra, Henrique VIII (1491-1547) e Isabel I (1533-1603) promovem internamente a reunificação britânica e desenvolvem no plano externo uma intensa actividade diplomática, procurando consolidar o seu prestígio e poder internacional.

Na França, por outro lado, assiste-se ao fracasso do expansionismo de Francisco I (1494-1547), que se envolve numa sucessão de guerras de religião. Tal não impede, contudo, o florescimento cultural da França, como o demonstra o desenvolvimento da escola de Fontainebleau, inspirada na mitologia e na escultura clássicas, que representa uma das grandes etapas do Maneirismo na Europa.

Em Itália a situação é diferente. Uma complexa e fragmentária estrutura geopolítica, que no século anterior tinha propiciado o florescimento do humanismo italiano, não resistiu aos embates da história. Milão e Nápoles acabarão por integrar a coroa espanhola; Florença e Veneza são saqueadas (esta última, primeiro por parte da Santa Liga e mais tarde pelos Turcos); Ferrara, Mântua e Urbino, que eram pequenas capitais de antigos ducados, perderam influência,



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

ameaçando extinguir-se. Apenas três cidades sobreviveram, mantendo-se florescentes do ponto de vista económico e cultural: Roma, Pádua e Génova. Roma além de se manter como pólo de atracção para os artistas internacionais tornou-se, graças ao Concílio de Trento, no centro simbólico do mundo católico, na cidade dos papas. Pádua, por seu turno, floresceu graças à universidade, o grande centro da medicina científica da época. Génova manteve-se como um próspero centro de trocas comerciais, em grande parte devido à sua localização e ao empreendedorismo de muitos mercadores genoveses.

Na Alemanha, à medida que florescem os centros meridionais de Nuremberga, Augsburg e Munique (aos quais se pode juntar Cracóvia, a próspera cidade polaca, pelos intensos vínculos artísticos e económicos que com esses centros estabeleceram), as cidades bálticas da Liga Hanseática e dos portos fluviais do Reno vão declinando. O desenvolvimento da região do Danúbio (rio simbólico, entre o este e o oeste) irá ser travado pela expansão turca.

Mais a norte, os conflitos entre a Dinamarca e a Suécia impedem o florescimento da Escandinávia. A leste, irrompe uma nova potência, comandada por Ivan IV (1530-1584), o Terrível: a Rússia.

No plano cultural, a arte e o gosto italianos prevaleceram em toda a Europa do século XVI, apesar do declínio político e económico de grande parte do país. Rafael (1483-1520), Miguel Ângelo (1475-1564) e Ticiano (c. 1473/1490-1576), mestres italianos, eram referências artísticas incontestadas do Renascimento pleno e do Maneirismo. Quase todos os soberanos europeus contratavam para as suas cortes artistas que tinham estudado em Itália, e as obras de arte italianas eram disputadas pelos grandes colecionadores.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Do ponto de vista político-religioso, a Reforma Protestante, iniciada em 1517 por Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha, dividiu o continente em duas áreas político-religiosas: a Europa setentrional, de tendência protestante, e a Europa mediterrânica essencialmente católica. Inclui-se nesta última a coroa austríaca e francesa, embora a França, através da via de João Calvino (1509-1564), também tivesse sido fortemente influenciada pelo protestantismo. Portugal, que passou ao domínio filipino a partir de 1580, também integrava o império Habsburgo. A Inglaterra, por seu turno, criou a sua própria religião, o anglicanismo, uma via intermédia entre a Reforma Protestante e o Catolicismo Romano, como mais tarde passou a ser definida. O Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563 pelo movimento católico, inaugura a Contra-Reforma ou reforma católica, declarando guerra ao protestantismo. O plano de combate assenta em três vectores principais: reforço do papel dos jesuítas, encarregados de catequizar os habitantes das terras conquistadas noutros continentes; a retoma do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), destinada a condenar e punir os hereges; a criação do *Índice de Livros Proibidos*, destinado a impedir a propagação de ideias contrárias à Igreja Católica.

No começo do século XVII, a Europa do Sul era pois grandemente dominada pelos Habsburgo. O centro deste império, a Áustria, teve um primeiro momento de glória e fausto artístico com Maximiliano I de Habsburgo (1459-1519), Sacro Imperador Romano entre 1508 e 1519, que inaugura a transição do tardo-gótico para o humanismo. Outro momento apoteótico deste império dá-se na segunda metade do século, quando, em 1556, Carlos V (1500-1558), Sacro Imperador Romano-Germânico, abdica, passando a monarquia de Habsburgo para o seu irmão Fernando I (1503-1564) e o império espanhol para o seu filho Filipe II (1527-1598), numa altura que se assiste à difusão do maneirismo internacional. Finalmente, em 1586, Rudolfo II (1552-1612) eleva Praga a capital do império e principal centro do Maneirismo.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

O século XVI em França é marcado pela intervenção de Filipe II (1527-1598) de Espanha nos assuntos franceses, que dividiu os partidários da Liga Católica, facilitando a Henrique IV (1553-1610), rei de Navarra, a conquista da Coroa. Antes de subir ao trono, Henrique IV esteve envolvido nas guerras religiosas na França como protestante. Em 1589, tornou-se rei de França, mas apenas nominalmente. Em 1593, num acto de grande realismo político abdicou da religião protestante, convertendo-se ao catolicismo. Foi coroado rei de França em 1594, avançou em seguida sobre Paris, que ocupou expulsando os Espanhóis que a ocupavam. Durante quatro anos irá combater a Liga e Filipe II para eliminar os seus últimos redutos em França. Em 1598, assinou o Édito de Nantes, também chamado de 'édito da pacificação', que põe fim a 36 anos de perseguição aos huguenotes, nome dado aos protestantes franceses, que na sua maioria eram calvinistas. O Édito de Nantes confirmou o catolicismo como a religião oficial do Estado, mas não impediu que os huguenotes professassem o seu próprio culto.

Ao acabar com a guerra civil, Henrique IV pacificou o país e passou a liderá-lo politicamente. Depois de cerca de meio século de guerras civis, finalmente começa a reconstrução económica da França. Henrique IV procede a uma reorganização geral das finanças, agricultura, comércio e manufacturas, e empreende a colonização do Canadá. O seu reinado foi marcado pelo reforço da autoridade absoluta da Coroa (na linha preconizada pela obra calvinesca de Jean Bodin (1530-1596), o 'pai da ciência política' para muitos, defensor do Estado Absolutista, que considerava o poder do monarca como absoluto e de origem divina), e por uma política de alianças com os Estados protestantes, que promoveram a recuperação económica. Alvo de numerosos atentados, Henrique IV acabou por assassinado, em 1610 numa rua de Paris, por François Ravailac, um católico com perturbações mentais. Deixou como sucessor Luís XIII, que ainda não tinha nove anos, pelo que a regência foi assegurada por sua

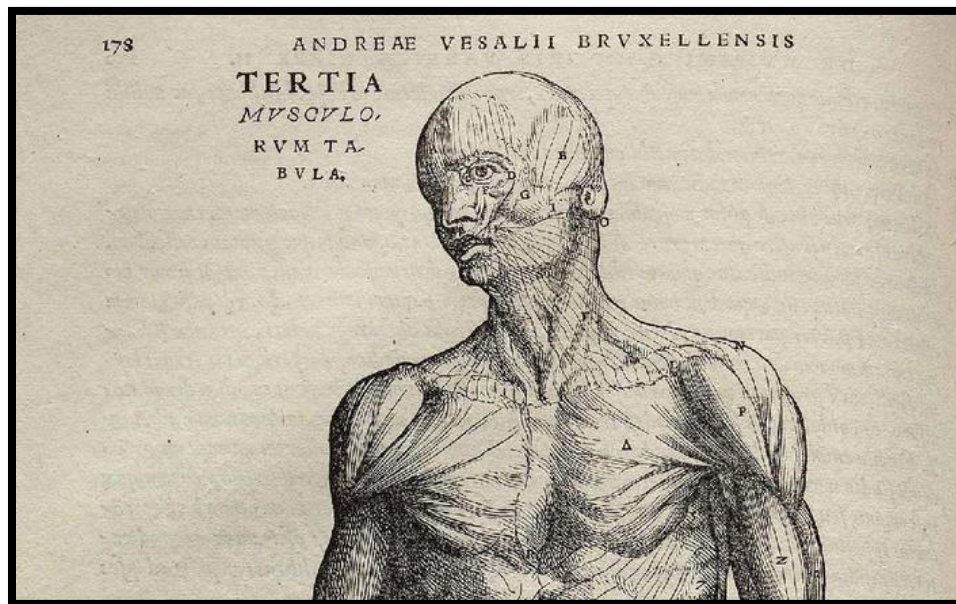


MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

mãe, Maria de Médicis, com a qual Henrique IV tinha casado em 1600, após a separação de Margarida de Valois (1553-1615).

O nascimento da moderna medicina científica e o advento da Revolução Científica



Página do livro *De humani corporis fabrica libri septem*, 1543, de André Vesálio

No campo da medicina, o século XVI viu nascer os dois grandes pilares da medicina científica, a iatrofísica e a iatroquímica, e emergir a cultura visual da medicina, através de pinturas e desenhos anatómicos que o desenvolvimento da dissecação e da experimentação



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

permitiram. Em 1543, ano em que o astrónomo e matemático polaco Nicolau Copérnico (1473-1543) publica *De revolutionibus*, André Vesálio (1514-1564), professor de anatomia da Universidade de Pádua, inaugura a moderna medicina científica com a publicação do tratado de anatomia *De humani corporis fabrica libri septem*, um livro que é também uma obra de arte, quer pelas magníficas ilustrações, provavelmente de Jan van Calcar (m. 1568), artista originário, tal como Vesálio, dos Países Baixos, quer pelo soberbo *design* e pela qualidade de impressão, feita por Oporinus, prestigiado impressor de Basileia. O interesse pela investigação médica estende-se a toda a Europa. Pádua, com a sua célebre universidade, é o seu centro intelectual. Ali leccionaram e estudaram algumas das figuras fundadoras da medicina científica, como o médico inglês William Harvey (1578-1657), autor do livro *De motu cordis*, publicado em 1628, que descreve pela primeira vez a grande circulação sanguínea no ser humano. Entre as grandes figuras da medicina cosmopolita da época destacam-se dois médicos de origem judaica, nascidos em Portugal: Amato Lusitano e Garcia de Orta.

Amato Lusitano (1511-1568) estudou medicina na Universidade de Salamanca, tendo viajado por vários lugares da Europa até se estabelecer na cidade de Ferrara em Itália, onde fez investigação e ensinou anatomia. Escreveu um dos tratados mais importantes da época em medicina clínica, *Sete Centúrias das Curas Mediciniais*, publicado inicialmente, em 1556 em Latim, e mais tarde traduzido para diversas línguas.

Garcia de Orta (1501-1568) estudou nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, onde se diplomou em artes, filosofia natural e medicina e regressou a Lisboa onde chegou a ensinar medicina, mas com o receio de ser perseguido pela Inquisição, viajou para Oriente a convite do vice-Rei das Índias, Afonso de Sousa, tendo-se fixado em Diu como seu médico pessoal. É autor de *Colóquios dos simples e drogas e coisas mediciniais da Índia*,



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

publicado em 1563, o primeiro grande contributo europeu para o estudo médico e botânico das drogas orientais, fundador da medicina tropical.

O desejo de conhecer melhor, de aprofundar o conhecimento científico, estendeu-se a quase todas as áreas do saber, ligando médicos, filósofos e outros cientistas. No campo da astronomia, o alemão Johannes Kepler (1571-1630) publica, em 1609, *Astronomia Nova*, onde enuncia as três leis fundamentais da mecânica celeste, rompendo assim com a tradição ptolomaica e os seus artifícios matemáticos que enquadravam as órbitas celestes no modelo aristotélico das esferas de cristal. No ano seguinte, o italiano Galileu Galilei (1564-1642) publica *Sidereus Nuncius* (Mensageiro das Estrelas), onde descreve as estrelas da Via Láctea, as manchas solares, os anéis de Saturno, os quatro satélites de Júpiter, as fases de Vénus e as montanhas e crateras lunares, que visualizou através de um telescópio reflector, por ele próprio aperfeiçoado. Além disso, Galileu descobriu a lei da regularidade do pêndulo e a lei da queda dos graves, e inventou um termómetro e uma balança hidrostática. As descobertas de Kepler e Galileu acabaram com muitos dogmas da Antiguidade e da Idade Média, abrindo as portas à Revolução Científica. Novos conceitos – empirismo científico, mecanicismo, autodeterminação, gravitação universal ... –, começaram desde então a moldar as ideias, as práticas e os saberes. Em 1620 o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) publica *Novum Organum* (Novo Órgão), um tratado sobre as regras para a construção das ciências da natureza, onde defende o método indutivo como o mais adequado para a moderna ciência.

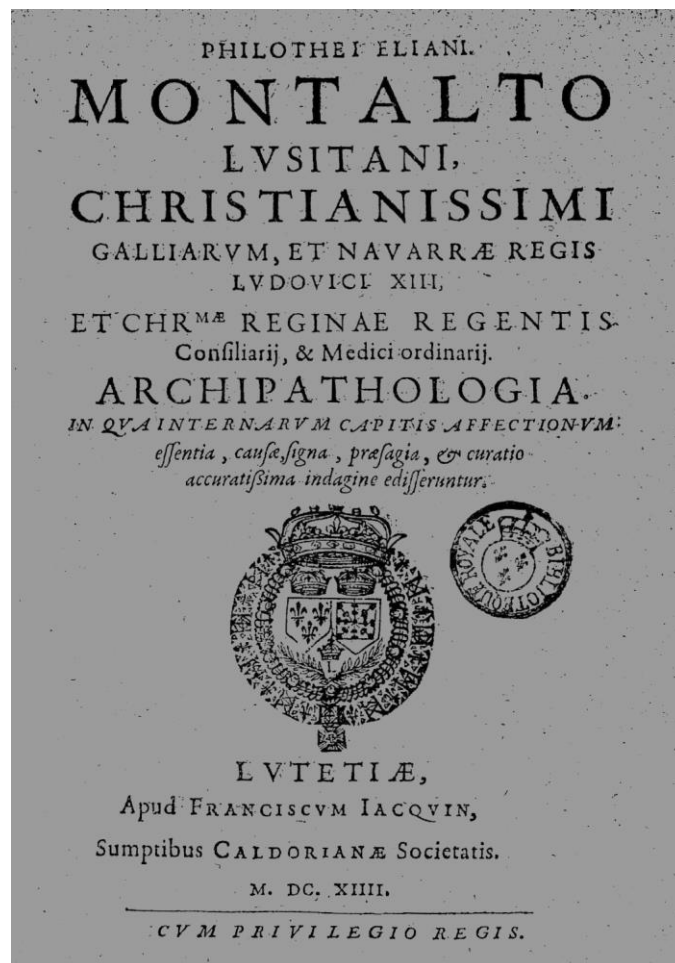
A ciência moderna muda assim o olhar do homem sobre o seu próprio corpo e sobre o corpo do mundo, com implicações políticas, económicas e culturais nunca antes imaginadas.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Archipathologia de Montalto: um tratado inovador sobre algumas afecções neuropsicológicas



Frontispício do livro *Archipathologia*, 1614, de Filipe Montalto



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Em 1567, nascia em Castelo Branco, Portugal, no seio de uma família judaica, Elias Montalto (Filipe Rodrigues), sobrinho-neto de Amato Lusitano, que viria a ser uma das grandes personalidades da medicina da Europa no século seguinte. Montalto concluiu medicina e filosofia na Universidade de Salamanca, viajando em seguida para Florença, onde se estabeleceu como médico do Grão Duque Fernando de Médicis. É aí que publica, em 1606, o livro *Optica intra Philosophiae*. Nesse mesmo ano viaja para Paris, onde Leonora Dori (1571-1617), irmã de leite da rainha Maria de Médicis e mulher de Concino Concini (1575-1617), personalidade de grande influência na Corte, pede para ser por ele observada, atendendo às boas referências que lhe tinham sido dadas por Manuel Mendes (n. 1553), um português cristão-novo, que vivia na esfera da Corte.

Leonora Dori sofria de ‘nevroses’. Montalto, dotado de grande perspicácia clínica, soube lidar com a personalidade distímica de Leonora, tratando-a com sucesso. O resultado impressionou Maria de Médicis que imediatamente diligenciou no sentido de Montalto se instalar em Paris como médico da Corte. Mas Montalto colocou como condição poder professar livremente o judaísmo. O rei, Henrique IV, não autorizou. Montalto voltou então para Itália, fixando-se em Veneza, onde exerceu, durante algum tempo, clínica e fez investigação científica. Apesar de frequentemente se envolver em conflitos e polémicas contra o catolicismo, conseguia ultrapassá-los com bom-senso e perseverança. A protecção do grão-duque Fernando I, tio de Maria de Médicis, permitiu-lhe, durante a sua estadia em Veneza, dava-lhe um estatuto de liberdade religiosa especial que lhe permitia ultrapassar os conflitos e polémicas contra o catolicismo que frequentemente se envolvia.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Após a morte de Henrique IV, em 1610, e em consequência da menoridade do seu filho primogénito, Luís XIII (com 8 anos de idade), a rainha tornou-se regente. Em 1612, Montalto viaja para Paris a convite Maria de Médicis para finalmente exercer as funções de médico da Corte, mantendo a liberdade de professar a sua religião, privilégio que lhe irá ser concedido oficialmente através de licença papal. Era um caso único, nessa altura, em França.

Passados dois anos, em 1614, publica o seu famoso tratado, *Archipathologia*, escrito em Latim (a língua científica da época), que dedica à rainha. Neste tratado fundador da neuropsicologia científica, Montalto ostenta o cargo de conselheiro médico do rei Luís XIII, filho de Maria de Médicis. *Archipathologia*, obra considerada precursora da neurologia, da psiquiatria e da psicologia, divide-se em dezoito tratados: I – Dor; II – Dor de cabeça; III – Frenite e parafrenite; IV – Melancolia; V – Loucura dos amantes; VI – Mania ou furor; VII – Loucura lupina ou canina; VIII – Demência e fatuidade; IX – Perda e fraqueza de memória; X – Coma ou catáfora; XI – Coma em estado de vigília; XII – Letargia; XIII – Caro (Inconsciência total); XIV – Catalepsia; XV – Vertigens; XVI – Íncubo (Pesadelos); XVII – Epilepsia; XVIII – Apoplexia.

Archipathologia é apresentada no próprio título como uma obra sistemática sobre as afecções internas da cabeça, sua essência, causas, sintomas, presságios e cura. É de referir que o autor usa intencionalmente o termo afecções em lugar de doenças, porque o tratado abarca muitas situações neuropsicológicas que não pertencem ao domínio da patologia.

Em 1616, Montalto morreu, de causa desconhecida, em Tours na sequência de uma missão diplomata no contexto do casamento de Luís XIII com Ana de Áustria, filha de Filipe III de Espanha.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Ciclo de Maria de Médicis de Rubens: a vontade política entre o fausto humano e eloquência divina



Peter Paul Rubens, *Encontro de Maria de Médicis com Henrique IV em Lyon* (pormenor), 1622-1625, da série 'Ciclo Maria de Médicis', óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris

Em 1577 nasce Peter Paul Rubens, pintor da corte de Habsburgo, na Alemanha, em Siegen, cidade do Estado da Renânia-Vestália. Estudou Latim, literatura clássica e pintura em Antuérpia com Tobias Verhaeght e outros mestres do Maneirismo, em ambiente católico, após a



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

morte do seu pai, calvinista. Entre 1600 e 1608 viajou pela Itália, estabelecendo contacto com a obra dos grandes artistas de Veneza, Mântua, Roma, Florença, Génova. Em 1609, regressou a Antuérpia, pouco depois de sua mãe morrer, tendo sido escolhido por Aberto VII da Áustria e pela Infanta Isabella Clara Eugenia como pintor da corte, sendo mais tarde também diplomata e embaixador.

Rubens fazia parte do grupo restrito de letrados da época, sábios que se correspondiam entre si, discutindo as grandes questões e descobertas que revolucionaram o século XVII, e convivia com príncipes laicos da corte de Habsburgo e com príncipes da Igreja. Embora a sua geografia tivesse como centro a Roma dos papas, os seus interesses pessoais e profissionais estendiam-se por toda a Europa. Rubens era o grande criador da imagética católica, e o seu ateliê constituía uma verdadeira fábrica de imagens com um papel determinante na luta contra o avanço do protestantismo.

Apesar de ser visto como um conciliador, um artista e diplomata perspicaz, que além de ter participado nas negociações de paz entre a Espanha e a Inglaterra, contribuiu, ao aceitar o convite de Maria de Médicis, para reconciliar as grandes famílias reais do Sul de Europa, desavindas há longo tempo, Rubens era inequivocamente um homem de partido. Através das suas grandes e espectaculares pinturas religiosas, que se impunham nos principais locais de culto católico, Rubens era um homem da Contra-Reforma.

A vontade missionária de expandir o catolicismo estendia-se da parte do norte da Europa detida pela coroa espanhola, às possessões da coroa espanhola na América Central, América do Sul e Ásia. Os príncipes de Habsburgo pretendiam, além da recuperação das populações que tinham ficado sob a influência dos protestantes, conquistar novos apoiantes,



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

novos crentes. Foi com esse objectivo que Rubens inundou o mercado das Américas com gravuras de imagens religiosas, realizadas por alguns dos maiores génios da gravura flamenga da época, por ele contratados, que consistiam em transmutações de pinturas. A opção pelas gravuras deveu-se à dificuldade em transportar com segurança, em longas viagens de barco, quadros frágeis e de grandes dimensões. Essas gravuras, imprimidas no ateliê do artista em Antuérpia, na Flandres, irão constituir o principal repertório dos artistas locais do México e das terras do norte do continente sul-americano, construindo enormes telas de expressão religiosa.

Antuérpia era a grande fábrica europeia de imagens religiosas, que Rubens geria com talento, saber e grande sentido do negócio. Agindo, simultaneamente, como actor, produtor e gestor, Rubens era um empresário de sucesso, que recrutava para a sua empresa artistas consagrados e outros ainda no início de carreira, que produziam pinturas, gravuras e até mesmo esculturas, procurando satisfazer, com grande profissionalismo, um mercado cada vez alargado e exigente.

Em 1621, Maria de Médicis contrata Rubens para realizar uma encomenda muito especial: uma série de telas monumentais que pudessem eternizar a sua vida, o seu projecto de paz, numa altura em que diversas nações se digladiavam em conflitos aparentemente intermináveis, a 'Guerra dos Trinta Anos' (1618-1648), motivada fundamentalmente por tensões religiosas, entre católicos e protestantes, e que depois de 1635 se concentrou no confronto franco-Habsburgo, terminando com a Paz de Vestefália e consequente fragmentação política e económica da Europa.

Rubens veio a Paris em Janeiro de 1622 e, no mês seguinte, já em Antuérpia reuniu a sua equipa e começou a trabalhar no empreendimento. Cada tela era objecto do esboço de uma



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

ideia original em pequenos painéis facilmente transportáveis, que eram submetidos à aprovação da rainha. Depois de aprovados, estes esboços eram transpostos para as telas de grandes dimensões pelo próprio artista que os desenhava; em seguida eram pintados pelos seus assistentes; finalmente, o acabamento era dado pelo próprio Rubens. Muitos desses esboços encontram-se actualmente no Museu Ermitage, em São Petersburgo, na Alta Pinacoteca, em Munique, e no Louvre, em Paris.



Vista da Sala 'Ciclo Maria de Médicis', Musée du Louvre, Paris

O conjunto, composto por vinte e quatro telas, na sua maioria monumentais, é um documento alegórico impressionante, transpondo alguns aspectos da mitologia grega para a



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

realidade política. Entre os primeiros esboços, em Janeiro de 1622, e o resultado final, em Junho de 1625, passaram três anos e meio.

O ciclo constitui a justificação política, ardente e sábia, do pensamento e da acção de Maria de Médicis, que, após a morte de Henrique IV, só poderia exercer o poder por derivação, como regente, durante a menoridade do seu filho, Luís XIII (1601-1643). Maria de Médicis não só assumiu a regência como excedeu o seu prazo legal, prolongando a menoridade do filho até 1617. O sobressalto libertador do filho levou, inicialmente, ao assassinio do favorito da rainha e, posteriormente, ao questionar definitivamente o lugar da rainha. A hostilidade francesa em relação ao catolicismo ultramontano e estrangeiro acabou por fazer cair a rainha e exilá-la. Maria de Médicis refugiou-se, num primeiro momento, em Bruxelas, precisamente no centro do poder habsburguiano na Europa do Norte, e faleceu em Colónia, na Alemanha, em 1642.

O 'Ciclo Maria de Médicis' destinava-se ao Palácio de Luxemburgo, mandado construir entre 1615 e 1645 pela rainha, sob a direcção do arquitecto Salomon de Bross (1565-1626), para sua residência oficial. Trata-se de um extraordinário retrato político de uma personalidade, a rainha-mãe, e de uma época em que católicos e protestantes ameaçavam fragmentar a Europa. O conjunto das telas de grandes dimensões está actualmente exposta numa sala própria do Museu do Louvre, em Paris. As telas representam as principais etapas da vida da rainha, desde os anos de infância e do casamento com Henrique IV, aos 27 anos, ao seu coroamento, proclamação da regência, corte e reconciliação com o seu filho Luís XIII, bem como retratos individuais da rainha e dos seus pais, Francisco I de Médicis (1541-1587), grão-duque da Toscana, e Joana de Áustria (1547-1578), arquiduquesa da Áustria.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL



Vista do Palácio do Luxemburgo, Paris

A estratégia de representação seguida por Rubens no ‘Ciclo Maria de Médicis’ e na maioria das suas pinturas baseia-se na alegoria. O artista faz-nos mergulhar num turbilhão vertiginoso de acontecimentos, paixões e sentimentos incontável, envolto em festas, triunfos, ritos de fertilidade, mitos báquicos e eróticos. Nenhum pintor desse tempo levou tão longe a materialidade do corpo humano, o sentido da carne gloriosa ou torturada, culpada ou inocente. A carne, o corpo humano não idealizado, masculinizado ou feminizado, representado em todas as suas idades ou fases da vida, abrindo-se na sua nudez natural ou fechando-se recoberto de vestes e adereços, é a sua grande arma de sedução. Quando comparamos os corpos de Rubens com os de Giorgione (c. 1477-1510) e Ticiano (c. 1473/1490-1576), por exemplo, verificamos que enquanto estes nos seduzem pelo seu idealismo, como se fossem corpos esculpidos em marfim vivos, aqueles, pelo contrário, atraem-nos pela expressividade corporal, pelo realismo da pele marcada por pregas, rugas e imperfeições, pela voluptuosidade dos tecidos. Os deuses em Rubens são de carne e osso, e a natureza humana é um lugar de combate espiritual que tanto exprime a virtude, como o pecado, a beleza e a eterna salvação.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**



Ticiano, *Vénus de Urbino*, 1538, óleo sobre tela. Uffizi, Firenze

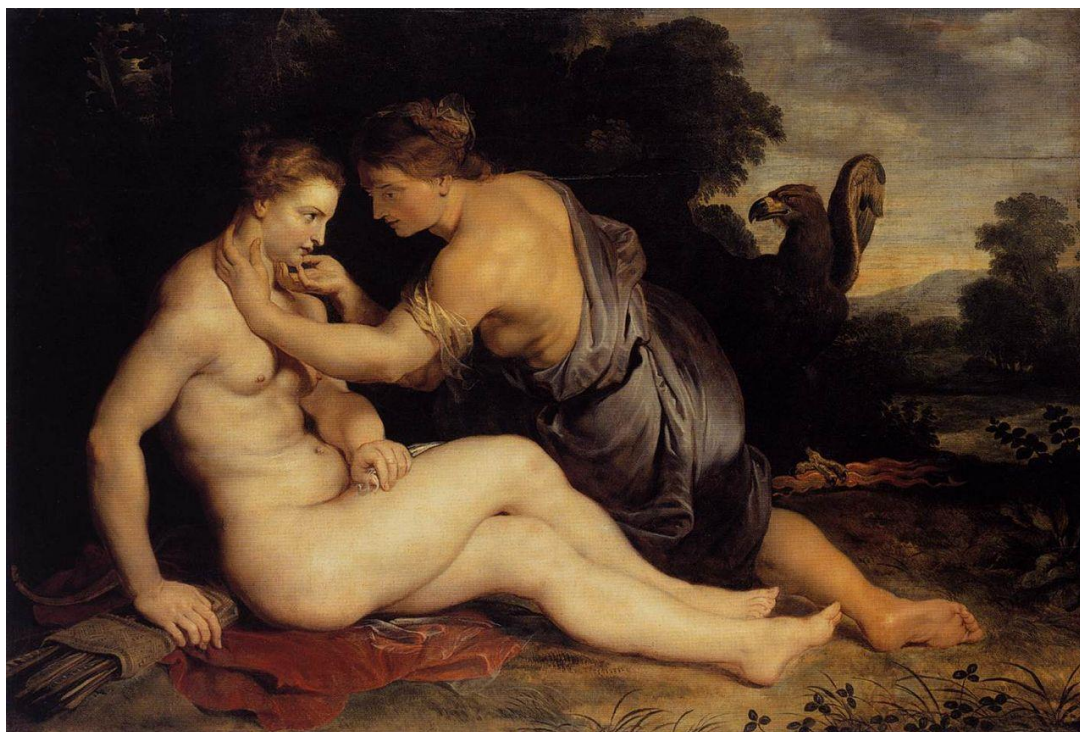


Giorgione e Ticiano, *Vénus adormecida*, c. 1510, óleo sobre tela. Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL



Peter Paul Rubens, *Júpiter e Calisto*, 1613, óleo sobre tela. Staatliche Kunstsammlungen, Kassel

A arte de Rubens apela ao divino através dos sentidos, mostrando, através da pintura, a expressividade do corpo, não o corpo inerte, cientificado, dos estudos anatómicos, mas o corpo fluido, em movimento, entre a imaginação e a realidade, o sagrado e o mundano, a luz e a sombra. Deste modo Rubens se opõe quer ao idealismo renascentista quer ao maneirismo florentino, fazendo emergir o espírito da época, o Barroco. A vaidade e a materialidade da pintura, tão vilipendiadas por Platão, são agora claramente assumidas. O corpo hiperbólico,



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

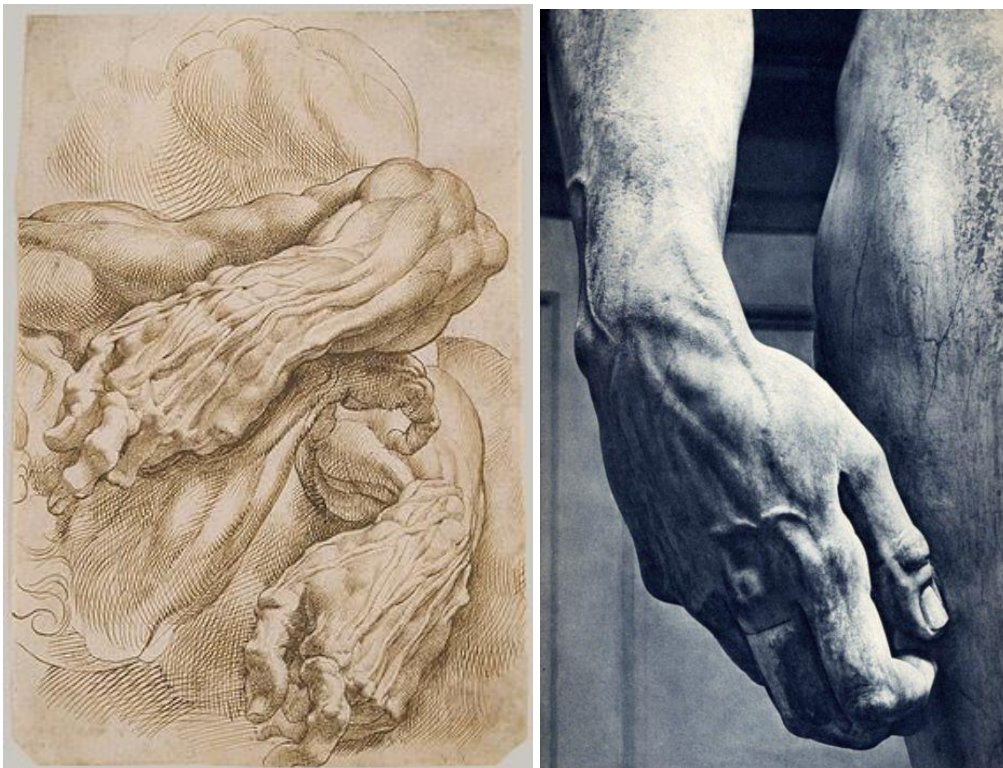
**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

disforme, por vezes excessivamente musculoso, é o modelo escolhido por Rubens para representar o corpo humano, que o afasta do Maneirismo (a célebre maneira de Miguel Ângelo). A semelhança da generalidade dos pintores italianos que o influenciaram, Rubens era um conhecedor profundo do corpo anatomizado, dissecado. Porque sem o conhecimento profundo da arquitectura interior do corpo humano, da sua realidade anatómica – os músculos, os tendões, os nervos, o sistema circulatório, os órgãos e as vísceras – ser-lhe-ia impossível representar o indizível, o inefável, o sentimento de beleza divina que caracteriza a sua arte. Lembro-me de um desenho anatómico da sua autoria, que representa três mãos em diferentes posições. É um dos mais belos desenhos da mão que conheço. Nele se distinguem, com impressionante vigor, mas também rigor científico, o entrelaçar das veias e dos tendões animados pela acção. Parece um *écorché* de uma estátua de Miguel Ângelo, a subversão do corpo idealizado, sublimado ou heroicizado, da arte do Renascimento.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**



Peter Paul Rubens, *Uma mão e braço esquerdos em duas posições e uma mão e braço direitos*, 1600-1608, tinta sobre papel. Metropolitan Museum of Art, New York

Miguel Ângelo, *David* (pormenor), 1501, escultura. Galleria dell'Accademi, Firenze



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

Conclusão



Peter Paul Rubens, *Prometeu agrilhoado* (pormenor), 1610, óleo sobre tela. Philadelphia Museum of Art, Pennsylvania

O exercício efectivo do poder político depende da compreensão da realidade política e das circunstâncias que a condicionam. Quem o diz é Nicolau Maquiavel em *O Príncipe*. É nesta



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

perspectiva que deve ser compreendida a iniciativa de Maria de Médicis ao convidar Rubens para narrar visualmente a sua vida, porque ela se inscreve numa mais ampla estratégia, a do alinhamento da política francesa com a dos Habsburgo, cujo objectivo principal era o fortalecimento da Europa do Sul, através do estreitamento das ligações entre as famílias reais, na luta contra o cisma protestante. Tratava-se, pois, de alta diplomacia internacional no contexto de uma estratégia política de paz levada a cabo pela corte francesa. Em vez da divisão, a rainha-mãe defendia a união política e religiosa. É preciso referir que Maria de Médicis, sendo rainha de França pelo casamento, pertencia à dinastia dos Habsburgo através do sangue: Maria era descendente dos arquidukes da Áustria, através da sua mãe, Joana de Áustria. A sua política de aproximação das grandes famílias reais era evidente desde que assumiu o poder. Repare-se nos casamentos reais. Em 1615, o herdeiro do trono de França, o futuro Luís XIII, casa com Ana de Áustria (1601-1666), e o herdeiro do trono de Espanha, o futuro Filipe IV, com Isabel de Bourbon (1602-1644), irmã de Luís XIII. Em 1625, a sua filha Henriqueta Maria (1609-1669) irá casar com o rei de Inglaterra, Carlos I (1600-1649). Para prosseguir a sua estratégia conciliadora a rainha-mãe confrontou-se com um grande obstáculo, o Cardeal de Richelieu (1585-1642), que discordava firmemente do seu plano. Richelieu defendia a prossecução da linha política externa desenvolvida por Henrique IV: corte com os Habsburgo de Viena e Madrid e alianças com os príncipes protestantes.

Se quisesse agir politicamente, reunindo a grande família católica europeia num projecto de paz, Maria de Médicis teria de dar uma visibilidade estratégica ao seu projecto de Estado, ligá-lo à sua genealogia, à sua história pessoal. Para isso era necessário definir modelos e criar uma narrativa que mostrasse eficazmente, dentro e fora do país, o seu desígnio político, a sua missão divina. E a melhor forma de o fazer era visualmente, através da arte da pintura.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

Porque a arte barroca consegue exprimir, como nenhuma outra, a ideia de conciliação, de equilíbrio entre opostos: a luz e a sombra, o claro e o escuro, o humano e o divino... Mas um projecto com estas características precisa de tempo para ser pensado, reflectido. E o tempo era escasso para a rainha. Para o concretizar em tempo útil, teria de ser realizado por alguém que, além de ser artista excepcional, estivesse familiarizado com a vida da corte de Habsburgo, habituado a grandes projectos, que dominasse com mestria a linguagem alegórica, de modo a dar à pintura, tal como pretendia a rainha, o sentido das verdades eternas. Ninguém melhor do que Rubens poderia levar a cabo uma tão complexa tarefa de representar a ideia de uma ‘paz perpétua’, um equilíbrio entre a vontade de Deus e os desejos do homem, a “união das nações”, mais tarde defendida por Kant, ou o “fim da história” de Hegel. Repare-se que, no final do ‘Ciclo’, a Verdade (jovem mulher nua, dado que a verdade se basta a si mesma e surge inteira sem peso aos olhos do mundo) é trazida pelo Tempo (velho alado na representação do qual afluam as lembranças de Itália), enquanto Maria de Médicis e o seu filho se encontram numa coroa de laureados circunscrevendo um coração flamejante de amor.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL



Peter Paul Rubens, *O triunfo da verdade* (pormenores), 1622-1625, da série 'Ciclo Maria de Médicis', óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris

Além de mecenas das artes, Maria de Médicis interessou-se pelo progresso científico, em particular da ciência médica, como o demonstra apoio dado à publicação de *Archipathologia*. Tal como a maioria dos judeus cientistas da época, acusados de heresia pela Igreja Católica, Montalto dificilmente poderia publicar um tratado destes em França sem o apoio da rainha. Recorde-se que cem anos antes, na década de 1520, Lutero exigia que todos os judeus fossem mortos pelo fogo, porque considerava que eles eram, enquanto herdeiros directos de



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

Judas, deicidas. Como se vê, o ambiente social na França dessa época era claramente hostil prática de judaísmo, sendo proibida a sua prática. No caso de Montalto, que se propunha desvendar os mistérios da mente através da ciência, a situação era muito grave, porque colidia com as ideias quer de protestantes quer de católicos. Nada disto impediu a rainha de o apoiar, obtendo autorização papal para o exercício livre da sua religião e de promover convictamente uma obra tão inovadora e marcante para o progresso da medicina científica como *Archipathologia*.

Na dedicatória publicada separadamente em tradução francesa no mesmo ano da publicação do tratado, sob o título “Lettre d’Espagne présentée à la Reine Regente par le Sieur Philotée Elian de Montalto”, pode ler-se o seguinte: “Vous m’avez laquelle comme très nécessaire est passionnément désirée non seulement de la valeureuse France, mais de toute l’Europe. Aussi êtes-vous cet esprit vital, qui unit appelé d’Italie d’une main libérale pour me commettre une très grande charge, la conduite de votre santé et de votre vie, la conservation et prolongation d’ensemble tant de Royaumes, comme les membres d’un seul corps par le lien de la paix. Voilà comme vous avez chargé le Ciel sur mes épaules, ainsi que d’un second Atlas.”

BIBLIOGRAFIA

AAVV. *L’Europe de Rubens*. Catálogo da exposição (curadoria Blaise Ducos). Lens: Louvre-Lens/Hazan, 2013.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL

ALVES, Manuel Valente. *História da Medicina em Portugal – Origens, Ligações e Contextos*. Porto: Porto Editora, 2014.

ALVES, Manuel Valente. “Uma Revolução Silenciosa – A Emergência da Cultura Visual da Medicina no Ocidente”. In: PIRES, M. Laura Bettencourt; PIRES, M. Alexandre Bettencourt (coords.). *As Humanidades e as Ciências - Dois Modos de Ver o Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.

BARRINGER, Tim; GALANSINO, Arturo; GRUBER, Geelinde; HOUT, Nico von; HOWARTH, David; BOURG, Alexis Merle du. *Rubens and His Legacy*. London: Royal Academy of Arts, 2014.

BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*. Edition 1652. URL:
<http://www.gutenberg.org/files/10800/10800-h/10800-h.htm>

CARMONA, Michel. *Marie de Médicis*. Paris: Fayard, 1981.

CARDOSO, Adelino. “Aproximação à *Archipatologia* de Filipe Montalto”. In: ANDRADE, António; TORRÃO, João; COSTA, Jorge; COSTA, Júlio (coords.). *Humanismo Diáspora e Ciência (Séculos XVI e XVII)*. Catálogo da exposição. Porto: Câmara Municipal do Porto/ Biblioteca Pública Municipal/ Universidade de Aveiro – Centro de Línguas e Culturas, 2013.

DUBOST, Jean François. *Marie de Médicis, la reine dévoilée*. Paris: Payot, 2009.
DUCOS, Blaise. “Rubens et la galerie Médicis: un cycle politique”. *Grande Louvre – Le Journal du Louvre*, nº 24, 2013.

FUMAROLI, Marc. “Le Verb se fit Chair: Rubens et le colorisme charnel”. *Grande Louvre – Le Journal du Louvre*, nº 24, 2013.



MONTALTO, RUBENS E MARIA DE MÉDICIS – A ARTE DE CONCILIAR

**MANUEL VALENTE ALVES
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA DE PORTUGAL**

LAWRENCE, Cynthia Miller (editor). *Women and Art in Early Modern Europe: Patrons, Collectors and Connoisseurs*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1997.

LOGAN, Anne-Marie; PLOMP, Michel P. *Peter Paul Rubens: The Drawings*. New York: Metropolitan Museum of Art, 2005.

MILLEN, Ronald Forsyth; WOLF, Robert Erich. *Heroic Deeds and Mystic Figures: A New Reading of Ruben's Life of Maria De Médici*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

MONTALTO, Philothei Eliani. *Archipathologia: in qua internarum capitis affectionem, essentia causae signa, praesagia, & curatio accuratissima indagine edisseruntur*. Lutetiae : Sumptibus Caldorianae societatis, 1614.

MONTALTO, Philothei Eliani. "Lettre d'Espagne présentée à la Reine Regente par le Sieur Philotée Elian de Montalto, à Paris chez Jean Brunet, rue Saint Jacques, à la Hotte, 1614, avec privilège du Roi". URL: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k89995s>

STEINER, George. *A Ideia de Europa*. Trad. Maria de Fátima St. Aubin. Lisboa: Gradiva, 2005.

ZUFF, Stefano. *Il Cinquecento*. Milano: Electa, 2006.

NOTA – As imagens que ilustram este artigo foram escolhidas pelo autor.